

Dia de festa? Cinco trabalhadores assassinados...  
e ainda é festa e feriado, égua!

# 1º DE MAIO

## Classista e Combativo

Encontro Anarquista e Anarco-Sindicalista em homenagem ao 1º  
de Maio de luta e de luto, não de festas!

### Convida



Este dia nunca foi de festa. O governo transformou em  
feriado por conta própria, para controlar a todos.

- Por 30 horas semanais – mais emprego, menos exploração,  
sem redução salarial;
- Passe livre para os estudantes (incluso cursinho);
- Por liberdade sindical – Livre Associação.

Vamos repetir uma prática que foi proibida pela ditadura do Barata. Prestar homenagem aos companheiros mortos. Aproveitaremos e faremos uma homenagem ao ex-Secretário da Federação das Classes Trabalhadoras do Pará (FCTP), Bruno de Meneses. Em maio de 1933 foi a última vez que realizou-se, logo a ditadura prendeu, torturou e matou a muitos, desarticulando assim, a luta. Este 1º de Maio não será diferente denunciaremos os 40 anos de ditadura militar-civil, capitalista, medidas provisórias, super salários para políticos corruptos.

### A NOSSA ORGANIZAÇÃO NOS LIVRA DA ESCRAVIDÃO.

**Palestra:** *A Verdadeira Origem do 1º de Maio* - 30/04/2005 (sábado) 19:00 h  
Local: Centro de Cultura Libertária (CCL) - Rua Arcipreste Manoel Teodoro, 837

**Concentração:** 01/05/2005 (domingo) - 8:00 h - Cemitério S<sup>ta</sup>. Izabel (São Brás) e  
8:15 h - Na sepultura nº 110683 - Qd: 43, até às 10:00 h  
(Leitura de poesias, batuque, roda de capoeira, protesto, união, solidariedade,  
assembleísmo, ação direta).

**Promove:**

**JUVENTUDE LIBERTÁRIA – CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA  
BRASILEIRA/ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES –  
KARA-DURA PRODUÇÕES**

## FORÇA AOS QUE LUTAM TODO APOIO AOS TRABALHADORES EM GREVE

Nós, Anarquistas organizad@s, viemos por meio deste manifesto apoiar aos trabalhadores bancários, da educação e demais categorias em greve e em luta neste momento. Entendemos que a greve é um direito legítimo dos trabalhadores e ferramenta fundamental para os mesmos reivindicarem seus direitos ante os banqueiros, patrões e Estado. Acreditamos que somente através da ação direta de nós, trabalhadores, poderemos conseguir melhorias nas nossas condições de vida e na conquista de uma SOCIEDADE LIBERTÁRIA. Por isso, apoiamos estas greves e toda e qualquer luta por melhores condições de vida do nosso povo. Precisamos de mobilizações de rua como as que se ensaiaram em junho deste ano, mas com a participação dos diversos setores da luta popular, pois somente pela luta popular obteremos conquistas sociais, ante que os capitalistas, que estes vêem os trabalhadores como fonte de lucro.

Com a greve e as mobilizações de rua, nós trabalhadores aprendemos a lição de solidariedade, do apoio mútuo entre todos aqueles que lutam por uma sociedade igualitária. Precisamos Cotidianizar a revolução e revolucionar o cotidiano, fortalecendo a luta de todos os trabalhadores e dos movimentos populares como elemento fundamental para a melhora das condições de vida de nosso povo e, principalmente, **PRECISAMOS APONTAR CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DO PODER POPULAR E O SOCIALISMO LIBERTÁRIO.**

As lutas contra todos os exploradores e opressores do povo trabalhador: negros, sem teto, sem terra, mulheres, dentre outros fazem parte de uma luta maior, contra o capitalismo e pelo socialismo libertário que virá com a ação direta do povo organizado, com o federalismo, com autonomia e auto-organização dos movimentos populares.

- Por sindicatos classistas e combativos.
- Movimentos populares atuantes
- Por mais verbas para a educação.
- Por aumento real de salários.
- Passe livre para estudantes e desempregados.

Conheça a Biblioteca Libertária Maxwell Ferreira  
Frutuoso Guimarães, nº 739, próx. à Carlos Gomes.  
Contatos: no Facebook Biblioteca Libertária Maxwell Ferreira.

## FORÇA AOS QUE LUTAM TODO APOIO AOS TRABALHADORES EM GREVE

Nós, Anarquistas organizad@s, viemos por meio deste manifesto apoiar aos trabalhadores bancários, da educação e demais categorias em greve e em luta neste momento. Entendemos que a greve é um direito legítimo dos trabalhadores e ferramenta fundamental para os mesmos reivindicarem seus direitos ante os banqueiros, patrões e Estado. Acreditamos que somente através da ação direta dos trabalhadores, poderemos conseguir melhorias nas nossas condições de vida e na conquista de uma SOCIEDADE LIBERTÁRIA. Por isso, apoiamos estas greves e toda e qualquer luta por melhores condições de vida do nosso povo. Precisamos de mobilizações de rua como as que se ensaiaram em junho deste ano, mas com a participação dos diversos setores da luta popular, pois somente pela luta popular obteremos conquistas sociais, ante que os capitalistas, que estes vêem os trabalhadores como fonte de lucro.

Com a greve e as mobilizações de rua, nós trabalhadores aprendemos a lição de solidariedade, do apoio mútuo entre todos aqueles que lutam por uma sociedade igualitária. Precisamos cotidianizar a revolução e revolucionar o cotidiano, fortalecendo a luta de todos os trabalhadores e dos movimentos populares como elemento fundamental para a melhoria das condições de vida de nosso povo e, principalmente, **PRECISAMOS APONTAR CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DO PODER POPULAR E O SOCIALISMO LIBERTÁRIO.**

As lutas contra todos os exploradores e opressores do povo trabalhador: negros, sem teto, sem terra, mulheres, dentre outros fazem parte de uma luta maior, contra o capitalismo e pelo socialismo libertário que virá com a ação direta do povo organizado, com o federalismo, com autonomia e auto-organização dos movimentos populares.

- Por sindicatos classistas e combativos.
- Movimentos populares atuantes
- Por mais verbas para a educação.
- Por aumento real de salários.
- Passe livre para estudantes e desempregados.

Conheça a Biblioteca Libertária Maxwell Ferreira  
Frutuoso Guimarães, nº 739, próximo à Carlos Gomes.  
Contatos: no Facebook Biblioteca Libertária Maxwell Ferreira.



# FEDERACION OBRERA REGIONAL ARGENTINA

A.C.I.A.T

Secretaría: C. Salvadores 1200

A.I.T.

## AL PUEBLO EN GENERAL: Nos están arrastrando a la sumisión y la obsecuencia

Atravesamos por un período terrible con el ánimo en suspenso y la imaginación afiebrada, auscultando las pasiones que se agitan sordamente de entes represivos que se aferran al pasado, anulando todo futuro y así observamos que se arremolinan los histriones, los genuflexos, y los arribistas, rivalizando sus bajezas, para disputarse la gracia que las efigies otorgan a los que más se destacan como serviles y soplones. Dentro de este conglomerado se encuentran los "TRISTES Y CELEBRES" dirigentes de la C.G.T. que aprovechando el actual momento de un "SINDICALISMO ADULTERADO Y DIRIGIDO" donde de las altas esferas oficiales se les ampara mediante leyes fascistas, donde primero está en juego los intereses del gobierno, y los trabajadores aparecen como el último orejón del tarro.

Para corroborar esta afirmación cabe preguntarse quién faculta a los empresarios y Estado, a retener la CUOTA SINDICAL y OBRA SOCIAL y OTRAS YERBAS, que permiten juntos a los "DIRIGENTES CORRUPTOS" realizar grandes negociados en detrimento de los trabajadores. PERO EL ESTADO SE AVIVO, y descubrió que la "OBRA SOCIAL" les reportaba enormes ganancias a los jefes sindicales, y se hizo un "ARREGLO" o pacto secreto, sin que ningún trabajador conociese el mismo, solamente se pudo saber que dieron un salto, de un fanático nacionalismo, pasaron a ser fervorosos privatistas al servicio de yankilandia, y de ahí comienza una nueva odisea para los trabajadores. Se entregó mansamente a los Compañeros jubilados, convirtiéndose el ESTADO en verdadero LADRON de los dineros aportados por ellos a las Cajas de Jubilaciones durante 30 o 40 años, y negándoles el derecho a reclamar según reza la tan manoseada Constitución Nacional. A la vez que se desconocen los Convenios de Trabajo en vigencia, supliéndolos con contratos leoninos, que nos retrotraen a las "VIEJAS FACTORIAS" y se les niega un misero aumento que desde hace dos años no perciben, además se anulan importantes reivindicaciones que estaban en vigencia.

Cuando las Organizaciones Obreras pierden su INDEPENDENCIA, para actuar libremente

frente a Empresarios o ESTADO, y no pueden determinarse en asambleas para fijar su conducción, caen en un andamiaje de leyes y decretos, que les hace perder todos sus derechos. Cuando comprobamos que el salario no alcanza para cubrir las necesidades esenciales, cuando día a día comprobamos el número de hambrientos, cuando nos azotan las enfermedades infantiles. Nosotros permanecemos impasivos frente a esta realidad, cuando nos limitamos a desfilar por las calles dando lástima o simpatía, pero sin apretar los dientes y los puños, como demanden las circunstancias, llegamos a la conclusión que hemos errado la senda, pero que es imprescindible reconquistar nuestras armas de lucha. ¿Cómo? Primeramente extirpando la política dentro de los sindicatos obreros, causante directa de lo que padecemos, y así desaparecen las LISTAS, donde el trabajador pueda elegir el hombre que más confianza le merece, fuese de la fracción que fuese, pero que esté inhibido para que el cargo le sirva para peldaño personal. Y así barreremos con los caudillos que merodean por los Sindicatos OCUPANDO CARGOS DESDE HACE 20 AÑOS, Y QUE LES PERMITE UNA VIDA ABURGUESADA JUNTO A SUS FAMILIARES. Las organizaciones obreras son propiedad de los trabajadores, para en común defender sus intereses, para lograr este objetivo fundamental es indispensable reconquistar NUESTRA INDEPENDENCIA, que equivale a decir lograr nuestra dignidad y derechos irrenunciables de participar, opinar y decidir sin acondicionamiento, y no como sucede hoy que el "MINISTERIO DE TRABAJO TODOPODEROSO", al servicio de los monopolios, dispone de todos los atributos anulando el derecho de HUELGA mediante la ilegalidad de éstas, cuando los trabajadores con la ausencia a los lugares de trabajo, o negándose a realizar tareas, las están legalizando, la conciliación obligatoria que nunca se define, EN FIN QUE EN EL PAIS EL DERECHO DE HUELGA ES UNA FARSA.

**COMPAÑERO TRABAJADOR: SI NO REACIONAMOS A TIEMPO, TERMINARAN POR EXTERMINARNOS.**

Octubre 1992.

## TRABALHADORES E TRABALHADORAS DECIDINDO OS RUMOS DA LUTA

No primeiro semestre de 2014, a luta de diversas categoriais de trabalhadores e trabalhadoras ganhou as ruas para o desespero de patrões e governos. O contra-ataque dos poderosos teve a ajuda da grande mídia, que tentou criminalizar os protestos e desmobilizar os lutadores. Isso ocorreu antes, durante e depois da Copa do Mundo, momento em que os noticiários buscavam legitimar as ações violentas dos aparelhos repressivos do Estado e seus governantes. Na sequência, vieram também as perseguições políticas e prisões de dezenas de manifestantes de forma autoritária, violando os meios democráticos e direitos humanos.

Mas é inegável que as lutas destes/as trabalhadores/as tomaram grandes proporções, e pode-se identificar nelas uma prática comum, que tem sido bastante rara atualmente no sindicalismo brasileiro. Foram greves construídas nos locais de trabalho, independente das direções sindicais – por vezes tendo até mesmo que enfrentá-las. Conquistaram vitórias, totais ou parciais, que os antigos diretores sindicais, muitos deles fazendo o jogo dos governos e patrões, diziam não ser possível conquistar. Esses movimentos inspiraram diversos outros, em menores proporções e nem sempre com o mesmo grau de avanço, mas com uma importância enorme na tentativa de renovar a maneira de fazer a luta sindical no Brasil.

Ações que também têm em comum a retomada de alguns importantes valores das várias lutas históricas das classes exploradas e oprimidas em todo mundo:

**Ação Direta:** os métodos de lutas para fazer avançar as reivindicações tiveram um repertório bastante diversificado desde as greves. São exemplos disso os piquetes, ocupações, sabotagens e mobilizações que paralisaram a circulação e o funcionamento de serviços essenciais. A Ação Direta é o uso de todos os meios necessários para potencializar as lutas protagonizadas pelos/as trabalhadores/as. Significa não entregar na mão de outros o poder de decisão sobre os assuntos do cotidiano. Ao contrário, é o coletivo a exercer esse poder de forma direta, sem intermediários ou representantes.

Na medida em que os/as trabalhadores/as se organizam e avançam, a reação do Estado e governos têm sido a de criminalizar a greve e o protesto, reprimindo as lutas legítimas e propagando a mentira através da mídia burguesa, a grande aliada dos patrões e poderosos. Denunciamos aqui a cumplicidade entre essa hegemônica mídia capitalista, os governos e os fortes grupos econômicos que controlam o país.

É com entusiasmo que vemos as retomadas desta combatividade nas lutas sindicais pelo país, pois tomar o protagonismo de nossas lutas é fundamental. Os sindicatos são instrumentos importantes que podem potencializar a luta sindical. Contudo, quando estão tomados pela burocracia partidária, ou engessados pela patronal, deixam de ser um meio de luta e viram um meio de vida para os oportunistas. Pessoas que se dizem representantes dos/as trabalhadores/as, mas que se encastelam na estrutura sindical. Subordinam as urgências dos trabalhadores aos seus interesses, ou aos de seu partido, distanciando-se da realidade dos trabalhadores.

Essa prática pode ser identificada principalmente no protagonismo, na ação direta das bases decidindo sobre os rumos das greves frente à burocracia e à centralização das direções sindicais personalizadas e por correntes sindicais partidarizadas. Estas últimas, por outro lado, são práticas sindicais viciadas, que em geral não dão conta das urgências da classe trabalhadora, nem constroem espaços com autonomia política e participação direta dos/as trabalhadores/as.



Assim, experiências de autonomia, luta e solidariedade de classe emergem pelo país, seja no exemplo dos operários em protesto nas grandes obras de infra-estrutura do PAC (principalmente no norte e nordeste do país), os garis no Rio de Janeiro, os rodoviários em Porto Alegre, ou os metroviários de São Paulo. Demonstraram, na prática, que a luta começa desde baixo, e não raras vezes sem a tutela ou mesmo contra as direções sindicais. Em uma clara demonstração de que quem deve ter o controle das lutas é o conjunto da base e não um grupo de dirigentes "iluminados".

**Protagonismo de Base:** há uma disposição da base dos trabalhadores em fazer avançar a luta sindical e muitas vezes combatendo a postura burocrata da própria direção dos sindicatos. Assim foi o exemplo das lutas sindicais nesse período, impulsionadas pela base das categorias. Esse é o ingrediente de um sindicalismo forte, com controle dos/as trabalhadores/as através da democracia direta. Combatendo a cultura autoritária e anti-democrática presente nos sindicatos, inclusive em muitos daqueles dirigidos por agrupamentos que se colocam à esquerda na composição política.



É no acúmulo das nossas forças e pelo nosso poder de mobilização que podemos enfrentar, inclusive, as injustas decisões judiciais a serviço de governos e patrões. É também pela nossa força coletiva que podemos alcançar as vitórias que almejamos. Que não percamos nossos desejos por mudanças! Que cada luta, cada piquete, cada greve, com suas derrotas e vitórias, possa fortalecer a ideia de que um novo mundo é possível.

## Os 200 Anos de Bakunin

Em 2014, relembramos os 200 anos do nascimento do revolucionário e anarquista russo Mikhail Bakunin. Militante exemplar, sua vida se confundiu com a luta dos trabalhadores de sua época, principalmente dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Junto com outros companheiros, também foi responsável pela constituição do anarquismo como força socialmente engajada na luta pela liberdade e igualdade. Em 1868, Bakunin ajudou a fundar a Aliança da Democracia Socialista, organização clandestina e a primeira especificamente anarquista da história, que atuou dentro da AIT.

Sendo a AIT o espaço que aglutinou e impulsionou as lutas dos trabalhadores nesse período, é importante pontuar que foram os acúmulos das correntes anti-autoritárias da Internacional que tiveram maior influência no movimento operário de nosso continente latino americano. Após o Congresso de Haya, da Primeira Internacional, as concepções estatista e federalista se separam em meio a fortes polêmicas e seguem caminhos distintos. E é a corrente libertária do socialismo (federalista e anarquista) que vai impulsionar a continuidade da AIT, e é em 1872, em Saint-Imier na Suíça, que Bakunin e os federalistas fundavam a Internacional conhecida mais tarde como anti-autoritária.

## A genealogia da Greve Geral

A idéia de greve geral foi lançada pelo Congresso da Internacional realizado em Bruxelas, em setembro de 1868. Na ocasião, era uma ferramenta com o objetivo de lutar contra a guerra naquele período. Mas foi em 1869 que Bakunin, de forma pioneira, analisou todas as possíveis consequências e potencialidades da Greve Geral:



*"Quando as greves ampliam-se, comunicam-se pouco a pouco, é que elas estão bem perto de se tornar uma greve geral; e uma greve geral, com as ideias de liberação que reinam hoje no proletariado, só pode resultar em um grande cataclismo que provocaria uma mudança radical na sociedade. Ainda não estamos nesse ponto, sem dúvida, mas tudo nos leva a isso."*

Bakunin traz assim importantes contribuições a esta concepção da greve como ferramenta de mobilização de força dos/as trabalhadores/as, e que "já indicam uma certa força coletiva, um certo entendimento entre os operários". Como prática da luta reivindicativa e de formação na prática, a Greve Geral deve também encarnar a solidariedade entre os setores da classe oprimida, pois "as necessidades da luta levam os trabalhadores a apoiarem-se, de um país a outro, de uma profissão a outra".



Dentro desse processo de radicalização das lutas, é necessário ter como retomada de objetivo o Sindicalismo Revolucionário. Concepção de luta sindical defendida por Mikhail Bakunin, que o ano de 2014 comemoramos os 200 anos de seu nascimento, além de ter sido apontado como um "suspeito em potencial" de estimular as lutas e ter envolvimento com elas, na capital carioca.



As seções e federações vinculadas à Internacional que foram se formando em toda a América Latina contavam com orientações gerais bastante precisas e com autonomia para o seu desenvolvimento, dando continuidade às propostas federalistas e de sindicalismo revolucionário de Bakunin. Ele entendia o sindicalismo como um meio e não um fim em si. E o papel dos anarquistas deveria ser colocar combustível nos processos de mobilização da classe e organizar as lutas junto com os/as trabalhadores/as. Fazendo a propaganda da causa onde quer que se encontrassem os operários. Foi de fato na ação, e a partir das táticas consagradas pela experiência, que os contornos de uma doutrina sindical mais radical foi tomando forma, tornando-se a expressão histórica deste período.

# emece

Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa . Ano X . Nº28 . Setembro de 2014  
 Caixa Postal 14576 . CEP: 22410-971 . Rio de Janeiro . RJ . emece1924@yahoo.com.br . <http://marquesdacosta.wordpress.com>

## SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E A EDUCAÇÃO POPULAR NO RIO DE JANEIRO

A formação da classe operária brasileira muito deve aos esforços e a participação sindical dos anarquistas na Primeira República. A corrente anarquista que dedicava-se a organização política específica incentivando a participação nas lutas de massa, mais conhecida como "Organizacionista", fez-se presente na construção dos sindicatos operários e promoveu diversas iniciativas nas lutas populares. A estratégia adotada pelo proletariado, motivada em grande medida pelos anarquistas, foi o sindicalismo revolucionário, referendada no 1º Congresso Operário Brasileiro (COB) de 1906, realizado no Rio de Janeiro. A atuação do sindicalismo revolucionário baseava-se na defesa da neutralidade ideológica, autonomia sindical, ação direta, autogestão e federalismo. Contudo, os anarquistas não limitaram sua inserção social às instituições sindicais. A educação popular foi pautada nos três COBs (1906, 1913, 1920) que definiram as bases do sindicalismo revolucionário no Brasil, e muito foi proposto por essa corrente sindical no campo educacional.

O 1º COB ocorreu entre 15 e 22 de abril de 1906 na sede do Centro Galego, no Centro do Rio de Janeiro, com 43 delegações representando 28 associações de classe de todas as regiões do país. O congresso teve três eixos principais de discussão: organização, orientação e ação operária, sendo que o último eixo preconizava em seu tema 7: "Conveniência de que cada associação operária sustente uma escola laica para seus sócios e seus filhos, e quais os meios

de que deve lançar mão para esse fim". A resolução defendida enfatizava a crítica à educação oficial promovida pelo Estado e a Igreja, como meios de controle e submissão que serviam para "fortificar a instituição burguesa", ou seja, conservar a desigualdade de classes. Devemos compreender que nesse momento histórico, a educação científica é um privilégio das classes

edificar a educação necessária para a sua emancipação, pois "ninguém mais do que o próprio operário tem interesse de formar livremente a consciência dos seus filhos". Para educar e educar seus filhos, é preciso uma escola onde prevaleça um conteúdo apropriado e, para isso acontecer, é necessário a fundação de escolas pelas associações de classe ou pela Federação Operária local.



dominante e o proletariado sofria com as mazelas dessa restrição. Para os anarquistas, essas instituições utilizavam a educação como controle ideológico e, desse modo, mantenedores dos privilégios desse setor social. Entendendo que a ciência é de suma importância para a sua emancipação, os anarquistas defendem o acesso à educação racionalista e científica para todos. O princípio da ação direta também é perceptível nessa resolução, afirmando o interesse do próprio operariado em

Nesse COB houve a participação do anarquista espanhol Caralâmpio Trillas que, curiosamente, teve contato na Espanha com o pedagogo libertário Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna de Barcelona. Trillas e seu grupo "Sociedade Instrutiva e Recreativa Fraternidade e Progresso" fundaram em 1912 a "Escola Livre da Gávea", a qual, muito provavelmente esteve próxima dos operários da Fábrica de Tecido Carioca, que encontrava-se no entorno, devido a atuação de Trillas na União Operária dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos

. Suas aulas eram ministradas na Rua Henrique, nº 7 e, naquele mesmo ano, já participavam 150 crianças do bairro. De 8 a 13 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro, ocorreu o 2º Congresso Operário Brasileiro na sede de Centro Cosmopolita, à rua do Senado, 215, com a participação de 117 delegados representando 59 associações operárias e 4 jornais. Além da discussão sobre a neutralidade política e a defesa da ação direta – princípios do sindicalismo revolucionário defendidos pelos anar-

quistas – o 2º COB discutiu a questão da “Educação e Instrução das Classes Operárias” presente no 11º tema da 4ª sessão do Congresso. Na moção aprovada pelos congressistas destacam-se três momentos. Primeiramente, a crítica à falta de acesso à educação pelos trabalhadores: “Considerando que a instrução foi até uma época recente evitada pelas castas aristocráticas e pelas Igrejas de todas as seitas, para manterem o povo na mais absoluta ignorância, próxima à bestialidade, para melhor explorarem-no e governarem-no”. O segundo momento enfatiza a crítica à educação oficial, que priorizava os interesses da burguesia “inspirada no misticismo, nas doutrinas positivistas e nas teorias materialistas, sabiamente invertidas pelos cientistas burgueses, os quais metamorfosearam a ciência, segundo os convencionalismos da sociedade atual, e monopolizam a instrução, e tratando de ilustrar o operariado sobre artificiosas concepções que enlouquecem os cérebros que frequentam as suas escolas, desequilibrando-os com os deletérios sofismas que constituem o civismo ou a religião do Estado”. E por fim, finaliza com as proposições: “Este Congresso aconselha aos sindicatos e as classes trabalhadoras em geral, tomando como princípio o método racional e científico, promova a criação e a vulgarização de escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, promovendo conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc., etc.”. Pouco antes da realização o 3º COB, em fevereiro de 1920, a União Operária Fabril de São Cristovão funda sua Escola Racionalista. Apoiada pelos operários do bairro onde, alguns meses antes (18/11/1918), aconteceu a maior mobilização insurrecional anarquista da história do país. Também vale ressaltar a provável colaboração nessa empreitada do anarquista italiano Pedro Matera, fundador da Escola Operária 1º de Maio em Vila Isabel, que nesse mesmo ano foi delegado desta instituição operária no 3º COB. Finalmente, o 3º COB ocorreu nos dias 23 a 30 de abril de 1920, no sobrado na Rua Acre, nº 19, então sede da União dos Operários em Fábricas de Tecido. Nesse evento, participaram 85 entidades de

classe de diversos estados - Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Pernambuco, Pará, Mato Grosso e Amazonas. O 2º tema do 3º COB foi sobre “Educação e Instrução” – “As escolas operárias. Meio de as manter e desenvolver com a máxima orientação racionalista”.



A discussão principal versou sobre a construção de escolas operárias dentro ou fora das instituições sindicais. O delegado Orlando Martins, da Federação Operária do Rio Grande do Sul, disse “que as escolas racionalistas devem ser instituídas fora dos sindicatos, evitando assim que a ação policial alcance essas mesmas escolas” e é rebatido pelo delegado da Bahia, Gaudêncio José dos Santos, afirmando que não há o que temer e “devemos estar preparados para que a revolução não nos bata à porta e sim prepararmos-nos para bater à porta da revolução”. O apoio à fundação de escolas racionalistas fora dos sindicatos também foi defendida por Matera, delegado da União Operária Fabril de São Cristovão. A moção aprovada foi proposta por Edgard Leuenroth, anarquista paulista, que defendeu as duas possibilidades, sugerindo que se deveria analisar a realidade local. Citou como exemplo as escolas modernas de São Paulo, que não estavam no espaço sindical, mas mesmo assim foram perseguidas pela polícia.

No 3º COB não se enfatizou a questão metodológica, pedagógica ou de conteúdos que seriam ministrados nas escolas racionalistas, mas foi mantida a proposta racionalista e científica aprovada no 2º COB. Nesse congresso, a discussão versou sobre a relevância da organicidade e o tipo de espaço que as escolas racionalistas deveriam ocupar para que se mantivessem com maior eficiência. Independente do modo que estas escolas fossem fundadas, os sindicalistas sabiam que estas seriam perseguidas pelo Estado brasileiro, como Leuenroth havia lembrado.

Pedro Prado

Fontes:

<sup>1</sup>O termo foi utilizado para representar a conjuntura específica do anarquismo brasileiro pelo pesquisador Alexandre Samis. Ver: SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão policial no Brasil*. Imaginário/Achiamé. São Paulo/Rio de Janeiro, 2002; SAMIS, Alexandre. *Neno Vasco: minha pátria é o mundo inteiro – Neno Vasco, o anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois Mundos*. Letra Livre. Lisboa, 2009.

<sup>2</sup>Ver: SAMIS, Alexandre. *Neno Vasco: minha pátria é o mundo inteiro – Neno Vasco, o anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois Mundos*. Letra Livre. Lisboa, 2009.

<sup>3</sup>“As Resoluções do Primeiro Congresso”. *VOZ DO TRABALHADOR*, Ano VII, nº 48, 01/02/1914.

<sup>4</sup>Ver: LOPES, Milton. Rio, 1909: *Viva Ferrer, Viva A Escola Moderna*. Emecê – Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, Ano IV, nº 14, Rio de Janeiro, Novembro de 2009, nota de rodapé nº 14.

<sup>5</sup>Ver: “Notas e...”. *A GUERRA SOCIAL*, Ano II, nº 25, 28-08-1912.

<sup>6</sup>Ver: LOPES, Milton. Rio, 1909: *Viva Ferrer, Viva A Escola Moderna*. Emecê – Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, Ano IV, nº 14, Rio de Janeiro, Novembro de 2009, nota de rodapé nº 14.

<sup>7</sup>“Notas e...”. *A GUERRA SOCIAL*, Ano II, nº 27, 14-09-1912.

<sup>8</sup>“As Resoluções do Segundo Congresso”. *VOZ DO TRABALHADOR*, Ano VI, nº 39-40, 01-10-1913.

<sup>9</sup>Ibidem.

<sup>10</sup>“Escola da União Fabril de São Cristovão”. *VOZ DO POVO*, Ano I, nº 17, 23-02-1920.

<sup>11</sup>Ver: LOPES, Milton. *Pedro Matera: um Nome Para a História de Vila Isabel*. Emecê – Edição Especial do Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa. Ano VII, nº 20, Rio de Janeiro, Julho de 2011.

<sup>12</sup>RODRIGUES, Edgard. *Alvorada Operária. Mundo Livre*. Rio de Janeiro, 1979, p. 161.

<sup>13</sup>“A Instalação do 3º Congresso Operário Brasileiro”. *VOZ DO POVO*, Ano I, nº 79, 26-04-1920.

<sup>14</sup>Ibidem.

\*

## CONTRIBUIÇÃO À DISCUSSÃO ACERCA DO TEMA: SINDICALISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS (Breve resumo da primeira parte do texto - Valton)

O texto de Alexandre Samis começa por fazer um breve histórico do sindicalismo contemporâneo. Mostra que o sindicalismo saído da ditadura era uma simbiose do velho corporativismo varguista e outras formas de sujeição ao estado militarista. O ressurgimento das lutas sindicais a partir de 1980 impulsionou os encontros estaduais e nacionais culminando na I CONCLAT em 1981. Nesse encontro nacional já se percebe a formação de dois blocos antagônicos no interior da CONCLAT – o bloco da reforma e o bloco combativo.

O bloco combativo funda a CUT, que defende em seu estatuto um sindicalismo independente dos patrões, do governo, dos partidos e dos credos religiosos. O documento defendia a autonomia e a liberdade sindical. Já o bloco da reforma funda em 1986 a CGT, que defende um sindicalismo de resultado, meramente economicista, encarando o governo como interlocutor das lutas e conflitos entre patrões e trabalhadores. Atuando sempre como um sindicato colaboracionista ou chapa branca. Tal sindicalismo mistifica a ação sindical determinando para as bases um papel de coadjuvante no conjunto orquestrado das políticas de governo.

O autor também diz existir um tipo de sindicalismo que apresentam certo grau de combatividade, mas, fazem isso a partir de uma pauta quase que exclusivamente economicista, aproveitando as crises do sistema e as agendas eleitorais para arrancar do governo as melhorias imediatas. Esse tipo de sindicalismo o autor chama de corporativista.

Uma terceira conduta de sindicalismo é identificado por sua ação em consonância com postulados teóricos. Busca em comum com as outras resolver as necessidades imediatas, como a luta por questões salariais, mas, diferentemente das outras propõe o enfrentamento ao sistema, vendo o estado burguês como principal inimigo da classe trabalhadora. Além de evidenciar a luta de classe, mostrando um abismo profundo que separa o trabalhador do patrão/governo, conscientizando os trabalhadores da exploração a qual estão submetidos. Portanto pensa o sindicalismo como meio de combate ao sistema. A esse tipo de sindicalismo ele nomeou de sindicalismo de resistência. Este articula a teoria revolucionária (socialista) com suas ações políticas e sociais instituindo a primeira em conformidade com realidade específica da segunda.

Assim o autor distingue também os objetivos e o fôlego de cada uma das três formas de sindicalismo. Vão existir questões imediatistas que ele denominou de CURTO PRAZO, tais como as campanhas salariais em que tanto os colaboracionistas, corporativistas como os de resistência não vão se distinguir.

Todavia, diz ele, existem questões de MÉDIO E LONGO PRAZO que vão distanciar as condutas de cada uma delas. O autor deixa claro que somente o sindicalismo de resistência possui as dimensões de MÉDIO E LONGO PRAZO.

Assim, pode-se concluir que o sindicalismo pra ser revolucionário deverá atacar o mal pela raiz, ou seja, ir além das questões de CURTO PRAZO sinalizando para classe trabalhadora seus reais males e alertando-a que estes males só serão sanados a partir de uma ruptura radical com o sistema capitalista. Somente quando os trabalhadores se autogestinarem, tomando em suas mãos as rédeas da produção e decidindo o seu próprio destino através dos conselhos de base, estarão livres da exploração a que estão submetidas.

### A QUESTÃO COLOCADA É: QUE TIPO DE ORGANIZAÇÃO OU DINÂMICA INTERNA PERMITIRIA A PLENA REALIZAÇÃO DE UM SINDICALISMO DE RESISTÊNCIA?

O autor do texto dá alguns exemplos das experiências de organizações que vão desde a comuna de Paris, passando pela revolução russa, espanhola e de outras que aparecem como marginais e que tinham seu “ponto de Arquimedes” na autonomia. Em todas essas experiências a luta revolucionária fundada no seio das relações sociais viabilizaram a associação de homens livres através de organizações autônomas onde os próprios trabalhadores decidiam os rumos das lutas de suas vidas, experimentando formas comunitárias de existência, preparando o terreno para que o socialismo se desenvolva e se generalize. Em todas essas experiências foram criados “conselhos de trabalhadores”.

### A QUESTÃO QUE O AUTOR COLOCA É: COMO SE ORGANIZA OS CONSELHOS DE TRABALHADORES?

O que o texto deixa evidente é que tudo deve ser decidido pela base. Onde se formam comissões que elegem delegados da própria classe trabalhadora. Essa representação não pode ser confundida com as mesmas do sistema democrático burguês. Elas se diferem, resumidamente, nos seguintes pontos:

1. Os delegados deverão ser apenas os porta vozes daqueles que o elegeram;
2. Os delegados só poderão determinar as linhas de ação com o consentimento do coletivo;
3. Para evitar cristalizações, os delegados ficarão no cargo somente até o final da tarefa ao qual foi eleito;
4. Os delegados não poderão se afastar por muito tempo de seu local de trabalho, evitando assim que estes possam ter certos privilégios em relação à base;

O método, além de ter a **autonomia** como base, faz uso da **ação direta** no que tange aos interesses políticos e econômicos, indica a necessidade da **autogestão generalizada** e estimula a atitudes e comportamentos que unifiquem todas as frentes de luta: econômica, política e ideológica, tendo como fim a própria edificação da nova sociedade. Tal modelo de organização é fundamental para impedir a burocratização dos sindicatos.



CORDEIRO  
FARIAS

COB

ACRATA  
FARIAS

AIT

BELEM - PA

DEBATE:



O MOVIMENTO ANARQUISTA  
HOJE NO BRASIL.



LOCAL: COLEGIO CORDEIRO DE FARIAS

DOMINGO 19 / 01 / 92 HORA: 16:00



# 1º DE MAIO

## Classista e Combativo

**E**ste dia resulta do assassinato de 5 trabalhadores anarquistas que foram enforcados em 15/11/1887, acusados de matar um policial. Em 1893 o governador de Chicago (EUA) os considera *inocentes*. Agora! Desde então o 1º de Maio é lembrado com início da grande greve geral pela redução da jornada de trabalho, fim do trabalho infantil, expediente noturno para as mulheres, seguridade, etc.

Era 1º de Maio de 1933, quando os trabalhadores paraenses puderam, pela última vez realizar uma homenagem digna aos que morreram lutando e aos que estavam vivos na resistência. Logo em seguida a ditadura do governo Barata, fechara e deixava na clandestinidade a Federação das Classes Trabalhadoras do Pará, após prisões, torturas e assassinatos.

Nunca se comemorou o 1º de Maio, com festas, bingos e torneios de bola. Até que o governo resolveu transformá-lo em feriado para melhor controlar o trabalhador. Este 1º de Maio não será diferente **DENUNCIAMOS os 40 anos de ditadura militar-civil, capitalista, medidas provisórias, super salários para políticos corruptos.**

### A NOSSA ORGANIZAÇÃO NOS LIVRA DA ESCRAVIDÃO.

**Palestra: A Verdadeira Origem do 1º de Maio -**  
30/04/2005 (sábado) 19:00 h

**Local:** Centro de Cultura Libertária (CCL) - Rua Arcipreste Manoel Teodoro, 837

**Concentração:** 01/05/2005 (domingo) - 8:00 h -  
Cemitério S<sup>ma</sup> Izabel (São Brás) e 08:15 h na sepultura nº 110683 - Qd: 43, até 10:00h.

(Leitura de poesias, batuque, roda de capoeira, protesto, união, solidariedade, assembleísmo, ação direta).

**Promove:** JUVENTUDE LIBERTÁRIA -  
CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA  
BRASILEIRA/ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS  
TRABALHADORES - KARA-DURA PRODUÇÕES

# 1º DE MAIO

## Classista e Combativo

**E**ste dia resulta do assassinato de 5 trabalhadores anarquistas que foram enforcados em 15/11/1887, acusados de matar um policial. Em 1893 o governador de Chicago (EUA) os considera *inocentes*. Agora! Desde então o 1º de Maio é lembrado com início da grande greve geral pela redução da jornada de trabalho, fim do trabalho infantil, expediente noturno para as mulheres, seguridade, etc.

Era 1º de Maio de 1933, quando os trabalhadores paraenses puderam, pela última vez realizar uma homenagem digna aos que morreram lutando e aos que estavam vivos na resistência. Logo em seguida a ditadura do governo Barata, fechara e deixava na clandestinidade a Federação das Classes Trabalhadoras do Pará, após prisões, torturas e assassinatos.

Nunca se comemorou o 1º de Maio, com festas, bingos e torneios de bola. Até que o governo resolveu transformá-lo em feriado para melhor controlar o trabalhador. Este 1º de Maio não será diferente **DENUNCIAMOS os 40 anos de ditadura militar-civil, capitalista, medidas provisórias, super salários para políticos corruptos.**

### A NOSSA ORGANIZAÇÃO NOS LIVRA DA ESCRAVIDÃO.

**Palestra: A Verdadeira Origem do 1º de Maio -**  
30/04/2005 (sábado) 19:00 h

**Local:** Centro de Cultura Libertária (CCL) - Rua Arcipreste Manoel Teodoro, 837

**Concentração:** 01/05/2005 (domingo) - 8:00 h -  
Cemitério S<sup>ma</sup> Izabel (São Brás) e 08:15 h na sepultura nº 110683 - Qd: 43, até 10:00h.

(Leitura de poesias, batuque, roda de capoeira, protesto, união, solidariedade, assembleísmo, ação direta).

**Promove:** JUVENTUDE LIBERTÁRIA -  
CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA  
BRASILEIRA/ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS  
TRABALHADORES - KARA-DURA PRODUÇÕES

# 1º DE MAIO

## Classista e Combativo

**E**ste dia resulta do assassinato de 5 trabalhadores anarquistas que foram enforcados em 15/11/1887, acusados de matar um policial. Em 1893 o governador de Chicago (EUA) os considera *inocentes*. Agora! Desde então o 1º de Maio é lembrado com início da grande greve geral pela redução da jornada de trabalho, fim do trabalho infantil, expediente noturno para as mulheres, seguridade, etc.

Era 1º de Maio de 1933, quando os trabalhadores paraenses puderam, pela última vez realizar uma homenagem digna aos que morreram lutando e aos que estavam vivos na resistência. Logo em seguida a ditadura do governo Barata, fechara e deixava na clandestinidade a Federação das Classes Trabalhadoras do Pará, após prisões, torturas e assassinatos.

Nunca se comemorou o 1º de Maio, com festas, bingos e torneios de bola. Até que o governo resolveu transformá-lo em feriado para melhor controlar o trabalhador. Este 1º de Maio não será diferente **DENUNCIAMOS os 40 anos de ditadura militar-civil, capitalista, medidas provisórias, super salários para políticos corruptos.**

### A NOSSA ORGANIZAÇÃO NOS LIVRA DA ESCRAVIDÃO.

**Palestra: A Verdadeira Origem do 1º de Maio -**  
30/04/2005 (sábado) 19:00 h

**Local:** Centro de Cultura Libertária (CCL) -  
Rua Arcipreste Manoel Teodoro, 837

**Concentração:** 01/05/2005 (domingo) - 8:00 h -  
Cemitério S<sup>ma</sup> Izabel (São Brás) e 08:15 h na sepultura nº 110683 - Qd: 43, até 10:00h.

(Leitura de poesias, batuque, roda de capoeira, protesto, união, solidariedade, assembleísmo, ação direta).

**Promove:** JUVENTUDE LIBERTÁRIA -  
CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA  
BRASILEIRA/ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS  
TRABALHADORES - KARA-DURA PRODUÇÕES

## ANARQUISMO, o Massacre de Haymarket e os Mártires de Chicago

2 DE MAIO DE 2013 DEIXE UM COMENTÁRIO

Um ótimo material para formação e conhecimento do surgimento dia 1º de maio. Material produzido pelos companheirs da OASL.



O Primeiro de Maio, a sociedade de ontem e de hoje

Todos os anos nos deparamos com as tais festas do Primeiro de Maio, promovidas pelas grandes centrais sindicais e que enchem praças e avenidas com milhares de pessoas. Com o objetivo de atrair o público, em meio aos shows de artistas famosos, sorteiam até carros e apartamentos. Esquecemos, no entanto, das origens dessa data tão importante, que marca a luta dos trabalhadores e das trabalhadoras contra as mazelas do capitalismo e suas brutais consequências sobre homens e mulheres.

Como sempre, a história é contada pelos vencedores, e assim também aconteceu com a história do Primeiro de Maio, que até hoje não é muito conhecida. A mobilização dos operários e operárias de Chicago e de outros lugares do mundo aos fins do século XIX, reivindicando a jornada diária de oito horas de trabalho, refletia uma luta contra o sistema capitalista e as péssimas condições a que estavam submetidos trabalhadores e trabalhadoras. A relevância atual desse tema é que os motivos que levaram a essa mobilização não mudaram tanto de lá para cá.

Continuamos a viver em uma sociedade capitalista, apoiada na exploração do trabalho, nos baixos salários, nas precárias condições de trabalho, no desemprego. Continuamos a viver em uma sociedade em que impera a pobreza e a fome de muitos, para o benefício e a prosperidade de poucos. Não temos o controle sobre o trabalho que realizamos e nem sobre as decisões que nos afetam. Parte dos frutos de nosso trabalho continuam indo para as mãos das classes dominantes. Quando nos mobilizamos para reivindicar uma vida melhor, o Estado está sempre lá, para nos reprimir e mostrar o devido lugar das classes oprimidas no capitalismo. Essas são apenas algumas semelhanças dos fins do século XIX e dos dias de hoje.

O trabalho nos Estados Unidos dos anos 1880

Aos finais do século XIX, os Estados Unidos continuavam sua crescente onda de crescimento econômico, em grande medida impulsionados pelos efeitos da Guerra de Secessão. A possibilidade de empregos nas fábricas atraía estrangeiros e nativos. No entanto, as condições de trabalho eram precárias ao extremo. Em nome do lucro, os líderes capitalistas faziam com que homens e mulheres trabalhassem 12, 14 e até 17 horas por dia, em ambientes sem qualquer condição para o trabalho: muitos não tinham ventilação e iluminação adequada, eram

extremamente sujos etc. Nem as crianças e mulheres grávidas eram poupadas. O desenvolvimento da crescente industrialização, das precárias condições de trabalho e das organizações operárias, criava um ambiente propício para a mobilização, com o objetivo de melhorar as condições de vida.

Oscar Neebe – conhecido militante anarquista e funileiro desse período – fez uma descrição do contexto da época em sua autobiografia: “Eu trabalhava numa fábrica que fazia latas de óleo e caixas para chá. Foi o primeiro lugar em que vi crianças de 8 a 12 anos trabalharem como escravas nas máquinas. Quase todos os dias acontecia de um dedo ser mutilado. Mas o que isso importa... Elas eram remuneradas e mandadas para casa, e outras tomariam seus lugares. Acredito que o trabalho infantil nas fábricas tenha feito, nos últimos vinte anos, mais vítimas do que a guerra com o sul, e que os dedos mutilados e os corpos destroçados trouxeram ouro aos monopólios e produtores.”

As mobilizações operárias e o Massacre de Haymarket

É dentro desse contexto que se dá o movimento reivindicativo que marcou na História essa importante data do Primeiro de Maio. Há anos, existia a ideia de que o dia dos trabalhadores e das trabalhadoras deveria ser dividido em três partes: oito horas para o trabalho, oito horas de sono e oito horas para o lazer e o estudo. No ano de 1884, a Federação dos Sindicatos Organizados dos Estados Unidos e do Canadá (precursora da Federação Americana do Trabalho – AFL) declarou que a partir do dia 1º de maio de 1886 a jornada de oito horas de trabalho passaria a vigorar, apesar dos capitalistas afirmarem que isso era impossível. Esse movimento, na realidade, refletia uma das reivindicações centrais dos movimentos operários da época, e continuava a mobilização já iniciada anteriormente em países como Inglaterra, França e Austrália. As adesões para o movimento foram muito grandes, já que a reivindicação central era comum a todos os trabalhadores. Um pouco antes do tão esperado Primeiro de Maio de 1886, milhares de trabalhadores e trabalhadoras haviam aderido à luta pela redução da jornada. “Branco e negro, homens e mulheres, nativos e imigrantes, todos estavam envolvidos.”

Especificamente nos Estados Unidos, o anarquismo, força protagonista deste movimento, vinha crescendo desde o Congresso de Pittsburgh, em 1883, e com a fundação da International Working People’s Association (IWPA), expressão de massas anarquista que, em 1886, chegou a ter 2500 militantes e 10 mil colaboradores. Entre seus fundadores, podemos destacar Lucy Parsons – mulher, negra e ex-escrava –, que teve um papel decisivo na organização operária de Chicago, incorporando a pauta das mulheres e das negras e negros. Vale lembrar que a IWPA, entendendo as condições específicas de mulheres e negras/os na sociedade, defendeu a pauta das opressões, denunciando a forma como o mundo do trabalho se utiliza dessas condições para promover uma maior precarização e exploração do trabalho, lucrando ainda mais. Em um de seus inúmeros discursos ela atentava para que nossa crítica, enquanto trabalhadores, pudesse ir além da figura dos patrões, que refletíssemos também sobre o mundo do trabalho: “Então você não pode ver que entre a imagem do ‘bom chefe’ e a do ‘mau patrão’ tanto faz? E, que, você é a presa comum de ambos, e que a função dele é simplesmente explorar? Você não pode ver que é o sistema industrial e não o ‘chefe’ que deve ser mudado?”. Outros marcos significativos foram o jornal diário Chicagoer Arbeiter Zeitung e a fundação, em 1884, da Central Labor Union (CLU), que chegou a 28 mil trabalhadores, somente em Chicago, em 1886.

No dia 1º de maio de 1886, as ruas de Chicago foram tomadas pelo povo, em protestos e greves cujo objetivo central estava na redução da jornada de trabalho. Chicago, na época, era o principal centro de agitação política dos EUA e os anarquistas exerciam a maior influência no movimento. De acordo com o relato de um jornal da época, “não saía qualquer fumaça das altas chaminés das fábricas e dos engenhos, e as coisas assumiam uma aparência de sabá (o sábado judeu)”. Entre 80 e 90 mil pessoas saíram às ruas em apoio ao crescente movimento somente na cidade de Chicago. Grandes manifestações com mais de 10 mil pessoas também aconteceram em Nova York e Detroit. Aconteceram reuniões e comícios em Louisville, Kentucky, Baltimore e Maryland. Estima-se que por volta de meio milhão de pessoas tenha tomado parte nas manifestações do Primeiro de Maio nos EUA. Estima-se também que por volta de 1200 fábricas entraram em greve em todo o país em apoio ao movimento.

A posição dos líderes capitalistas era claramente refletida na imprensa da época que chamava os manifestantes de “cafajestes, preguiçosos, e canalhas que buscavam criar desordens”. Outro veículo da imprensa afirmava que “Esses brutos [os/as operários/as] só compreendem a força, uma força que possam recordar durante várias gerações”. Os capitalistas compravam

armas de fogo para a polícia local. Esses são apenas alguns exemplos da "rede de apoio" que se formou entre patrões e a mídia, todos em defesa do Capital e da ordem estabelecida. No dia 03 de maio as manifestações e greves continuavam. August Spies, um tipógrafo anarquista e editor do periódico Arbeiter-Zeitung, discursou para 6 mil trabalhadores e trabalhadoras. Ainda enquanto ele falava, os fura-greves da fábrica Mc Cormick Harvester estavam saindo, e parte dos manifestantes deslocou-se para a frente da fábrica, com o objetivo de incomodar os fura-greves. Isso aconteceu pois o local em que falava Spies ficava a um quarteirão da fábrica. Os manifestantes desceram a rua e fizeram com que os fura-greves voltassem para dentro da fábrica. Foi então que chegou a polícia. Eram aproximadamente 200 policiais que, ao reprimir os manifestantes, acabaram matando seis pessoas (outras fontes dizem quatro ou sete), ferindo e prendendo muitas outras. Spies, vendo o resultado brutal da repressão policial, dirigiu-se ao escritório do Arbeiter-Zeitung e fez uma circular, convocando os trabalhadores e as trabalhadoras para outra manifestação no início da noite do dia seguinte. O protesto do dia 04 de maio aconteceu na Praça Haymarket, e nele discursaram, além de Spies, Albert Parsons, tipógrafo, militante anarquista e companheiro de Lucy Parsons, e Samuel Fielden, imigrante inglês, operário da indústria têxtil e também militante anarquista. Os discursos pediam unidade e continuidade no movimento. Havia aproximadamente 2500 pessoas no local, que até o momento faziam um protesto pacífico, tão pacífico que o prefeito Carter Harrison, presente no início dos discursos, afirmou que "nada do que acontecia dava a impressão de haver necessidade de intervenção da polícia". Já no final da noite o mau tempo contribuía para que houvesse apenas cerca de 200 pessoas na praça. Com a ordem de dispersar a manifestação imediatamente, um grupo de 180 policiais chegou ao local. Apesar de Spies ter dito que os manifestantes eram pacíficos, a polícia iniciou o processo de dispersar o ato. Foi nesse momento que uma bomba explodiu em meio aos policiais, matando sete e ferindo aproximadamente 70, entre policiais e manifestantes. A polícia imediatamente abriu fogo contra a população, sendo responsável por incontáveis mortes. Alguns relatos falam em 100 mortos e dezenas de presos e feridos. Ninguém nunca soube se quem jogou a bomba foram os manifestantes ou a própria polícia, para incriminar o movimento.

Em sua autobiografia, Spies diria algum tempo mais tarde que "o anarquismo não era nem mesmo mencionado. Mas o anarquismo era bom o suficiente para servir como um bode expiatório para Bonfield [chefe de polícia de Chicago]. Esse demônio, com o objetivo de justificar seu ataque assassino à reunião, disse: 'eram anarquistas'. – 'Anarquistas! Oh, que horror!' A estúpida massa imaginou que – anarquistas – deveria ser alguma coisa muito ruim, e incorporou o refrão junto com seus inimigos e espoliadores: 'Crucifiquem-nos! Crucifiquem-nos!'"

O fato é que o acontecimento da bomba foi utilizado como motivo para a perseguição de todo o movimento radical de trabalhadores. A polícia invadiu casas e escritórios de suspeitos e houve muitas prisões. Muitas pessoas que nem sabiam o que era anarquismo ou socialismo foram presas e torturadas. Definitivamente, a polícia primeiro atacava e prendia, para depois averiguar se havia alguma "culpa" dos acusados.

#### A repressão e os Mártires de Chicago

O resultado desse processo foi a prisão temporária de Rudolph Schnaubelt, acusado de jogar a bomba. Ele foi solto depois de algum tempo sem acusações formais e há quem diga que ele era um agente pago pelas autoridades para cometer o atentado. Com Schnaubelt solto, a polícia prendeu Fielden e seis imigrantes anarquistas alemães: Spies, Neebe, Adolph Fischer, tipógrafo, Louis Lingg, carpinteiro, George Engel, tipógrafo e Michael Schwab, encadernador. A polícia também procurava Albert Parsons, já que ele era um importante líder da IWPA em Chicago, mas ele conseguiu se esconder e não ser capturado. Parsons acabou depois se apresentando no dia do julgamento. Apesar de apenas três deles terem estado presentes no dia da explosão da bomba, foram todos incriminados e responsabilizados por esse motivo.

O julgamento teve início em 21 de junho de 1886 com um júri nitidamente manipulado. Ele era composto de empresários, seus funcionários e um parente de um dos policiais mortos. Não houve provas apresentadas contra os anarquistas e nada que levasse a uma conexão clara dos acusados com a explosão da bomba. Não houve, também, quaisquer provas de que eles teriam incitado a violência ou algo do tipo em seus discursos. No entanto, o resultado do julgamento foi um claro reflexo do medo por parte da sociedade burguesa em relação aos operários organizados e combativos. Numa deliberada tentativa de conter o crescente movimento operário, sete dos acusados foram condenados à morte em 19 de agosto. Neebe foi condenado a 15 anos de prisão. Apesar de insistir não ser culpado, Neebe, em uma demonstração de solidariedade aos seus companheiros, falou ao juiz que sentia não ser

enforcado com os outros. A punição aos anarquistas deveria servir como um exemplo à sociedade, mostrando o que aconteceria àqueles que desafiassem o poder das instituições do Estado e do Capital.

Spies pronunciou-se em sua última defesa falando sobre os enforcamentos: "Aqui terão apagado uma faísca, mas lá e acolá, atrás e na frente de vocês, em todas as partes, as chamas crescerão. É um fogo subterrâneo e vocês não podem apagá-lo". Importante também a defesa proferida por Albert Parsons: "A propriedade das máquinas como privilégio de uns poucos é o que combatemos, o monopólio das mesmas, eis aquilo contra o que lutamos. Nós desejamos que todas as forças da natureza, que todas as forças sociais, que essa força gigantesca, produto do trabalho e da inteligência das gerações passadas, sejam postas à disposição do homem, submetidas ao homem para sempre. Este, e não outro, é o objetivo do socialismo."

Schwab e Fielden tiveram suas penas comutadas para prisão perpétua, depois de uma grande campanha pela liberdade dos acusados. Lingg suicidou-se na prisão um dia antes de ser enforcado. Em 11 de novembro de 1887 Spies, Parsons, Fischer e Engel foram enforcados, e assim ficaram conhecidos como os Mártires de Chicago. Milhares de pessoas tomaram parte na procissão dos funerais e a campanha pela liberdade de Fielden, Schwab e Neebe continuou. Em 26 de junho de 1893 o governador Altgeld libertou-os, alegando que eram inocentes do crime pelo qual estavam sendo acusados.

O Primeiro de Maio se espalha pelo mundo

Em 1890 as manifestações de Primeiro de Maio se generalizaram nos EUA e Europa, assim como no Chile, Peru e Cuba. O movimento pela jornada diária de oito horas de trabalho ganhou tanto apoio, que acabou fazendo com que o Primeiro de Maio fosse uma data mundial de mobilização. Depois disso, generalizaram-se as manifestações no Brasil, na Rússia e Irlanda, e tomaram o mundo de maneira crescente. No Brasil, o Primeiro de Maio é comemorado desde 1894 e tornou-se um feriado nacional por um decreto do ex-presidente Arthur Bernardes em 1925. A jornada diária de oito horas de trabalho foi incorporada na legislação brasileira por Getúlio Vargas na década de 1930. Ainda em seu governo, regulamentou o direito às férias e à aposentadoria, promulgando a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Essa atitude de Getúlio, muito mais do que benevolência, refletia aceitação, por parte do governo, às reivindicações que eram feitas pelo movimento operário desde os anos 1910. Além disso, muitas indústrias já davam esses benefícios a essa altura dos acontecimentos. Com a Constituição de 1988, incorporou-se às leis brasileiras as férias remuneradas, o 13º salário, a multa de 40% sobre o fundo de garantia em caso de demissão, licença maternidade, entre outros "benefícios" conhecidos hoje por nós.

Atualmente, com a adoção das políticas neoliberais por parte dos nossos últimos governos, e com as novas propostas de "flexibilização" das relações de trabalho, estamos perdendo os direitos que conquistamos depois de longas jornadas de mobilização e reivindicação. Os trabalhadores e as trabalhadoras que ainda têm carteira assinada podem considerar-se privilegiados/as, pois muitos/as não têm mais registros formais. Não têm direito a férias remuneradas, vale-transporte, multa em caso de demissão, 13º salário, entre outros benefícios que um trabalhador registrado formalmente tem. Além disso, ter um trabalho hoje, poder vender a sua força de trabalho e deixar-se explorar pelos patrões, tornou-se um benefício. Há milhões pelo mundo que nem isso conseguem. Podemos ver somente agora, quase 200 anos depois, entrando em vigor um projeto de lei que garante para as trabalhadoras domésticas a jornada máxima de 8 horas diárias, o pagamento de horas extras, o direito de se organizarem em um sindicato e todos os outros benefícios conquistados pelas lutas e mobilizações que marcaram o Dia dos Trabalhadores e das Trabalhadoras. E mesmo as centrais sindicais, em sua maioria, transformaram-se em redutos burocráticos e corruptos, com vistas apenas aos seus próprios interesses. O povo é tratado com a política do pão-e-circo, que agora, além de ser propagada pelo governo, tem a ajuda dos sindicatos com os "Primeiros de Maio" de festas e sorteios. Definitivamente as políticas institucionais mostraram-se ineficazes para conquistar, ou ao menos garantir, os poucos direitos que os Estado ainda nos concede. Já é hora de nos inspirarmos nos antigos militantes operários e, através da ação direta de massas, reivindicarmos o direito a uma vida de liberdade e igualdade.

Viva o Primeiro de Maio!

Viva o dia do Trabalhador e da Trabalhadora!

Viva o anarquismo e os movimentos populares!



# RESISTÊNCIA SINDICAL

Informativo sindical da Resistência Popular (AL) - dezembro/13 \* [resistenciapopular-al.blogspot.com](http://resistenciapopular-al.blogspot.com)

## LUTA SINDICAL E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Vivemos em uma sociedade injusta e, nessa estrutura, os trabalhadores se encontram no lado dos oprimidos. Esse lado sempre pressionou patrões e governos para a conquista de vários direitos. Portanto, nada lhes foi dado de mãos beijadas. Mesmo que tais conquistas não tenham ainda mudado a estrutura da sociedade, conseguimos com muita luta melhorar a condições de vida dos que vendem sua força de trabalho. Basta compararmos a exploração vivenciada na atualidade com as formas de trabalho existentes há 100 anos.

Em relação aos direitos conquistados, podemos afirmar que em poucos cantos do mundo houve grandes conquistas, mas, mesmo em locais mais pobres, elas ocorreram em maior ou menor grau, e mudanças decorrentes dessas vitórias foram também impactantes. O grande problema é que nos últimos 40 anos muitos desses direitos começaram a ser retirados de nós pela maneira como os patrões e governos começaram a reorganizar o mundo do trabalho.

Essa nova forma de reorganização ficou conhecida como "Reestruturação Produtiva", e o modelo político-econômico que acompanhou esse novo momento foi o "Neoliberalismo". Palavras que fazem parte de uma discussão muito pouco acessível à maioria das pessoas que mais sofreram com essas mudanças.

No entanto, basta para nós sabermos que naquela época os patrões já não estavam tendo mais lucros como antes, de forma que seus negócios não expandiam como o esperado. Como no capitalismo um negócio não pode estagnar, umas das fórmulas encontradas por empresários

e governos foi desmontar uma série de direitos trabalhistas que valorizavam o empregado e que impediam que os lucros crescessem como antes. Com isso, a organização das relações de trabalho também começa a mudar.

Uma das mudanças mais sentidas relaciona-se às tarefas assumidas pelos trabalhadores, uma vez que, na reestruturação produtiva, concentra-se em uma mesma pessoa funções que antes eram realizadas por vários. A ideia foi "criar" um trabalhador com habilidade para resolver coisas mais genéricas e em maior quantidade. De outro lado, têm-se uns poucos especialistas que detêm maior conhecimento. Assim, o trabalhador é mais cobrado e crescem o desemprego e o número de adoecimentos em decorrência desse modelo, que é mais exigente e perverso com todos os que a ele estão submetidos.

Nesse contexto, também surge um grande fenômeno: as terceirizações por empresas privadas e privatizações no setor público. A privatização é a maneira de o setor público terceirizar seus trabalhadores, diminuindo os direitos trabalhistas e entregando serviços estratégicos (como saúde e educação) para empresas privadas – ou públicas, desde que funcionem na lógica privada. Uma maneira não só de diminuir as obrigações para com os trabalhadores, mas também de favorecer a expansão dos lucros das empresas em detrimento das necessidades humanas.

Já na terceirização, empresas contratam outras empresas para fazerem um serviço, essas últimas mantêm com seus empregados uma relação de trabalho precária, na qual os servidores têm menor número de direitos, o serviço é, na maioria das vezes, temporário, e não há nenhuma perspectiva de estabilidade.

Essa realidade, portanto, dificulta a articulação sindical, que foi a maneira pela qual historicamente conseguimos organizar muitas de nossas lutas. Com trabalhadores temporários e em situação de vínculos precários, atrapalha-se até mesmo a possibilidade de filiação a um sindicato. Ao mesmo tempo, é forjada a ideia de que deve haver uma competição acirrada dentro da classe, o que dificulta nossa união e coloca o fracasso como consequência de nosso mau desempenho e não como algo fabricado por essa forma de organização social. Mesmo que todos se esforcem, é preciso haver muitos fracassados para esse sistema continuar funcionando dessa maneira.



Constatar essa realidade é importante para todos nós que organizamos a luta. Fazer a crítica ao modelo de terceirização é necessário e lutar contra esse modelo também. Não podemos negar, no entanto, que existe um número grande de trabalhadores terceirizados e em outras situações precárias e que eles precisam se organizar. E que isso deve ser feito através de instrumentos novos, que não estão presentes na estrutura sindical mais tradicional, por exemplo. Contudo, independentemente da maneira, tudo começa pela movimentação nos locais de trabalho, estudo e moradia, pois são nesses espaços que sentimos nossos problemas e é neles que deveremos buscar nossa organização por nossos próprios braços e pernas, pensando por nós mesmos.



## UM EXEMPLO: OS PROFESSORES "MONITORES" DA REDE PÚBLICA ESTADUAL

Um grande exemplo de contratação precarizada pode ser vista, hoje, na modalidade de monitores que atuam nas escolas estaduais. Há muito tempo o governo de Alagoas traça uma política de desmonte do serviço público educacional com a não realização ou realização insuficiente de concursos públicos.

Assim, os professores que poderiam ingressar nas salas de aula como efetivos acabam tendo que se submeter a uma seleção de monitoria, com um contrato temporário de duração pré-determinada. Muitas escolas hoje possuem no seu quadro um número maior de professores monitores

que efetivos. Responsáveis pelo ensino da boa parte das crianças e adolescentes do nosso estado, com carga horária bastante exigente, esses educadores não são devidamente valorizados. Nem mesmo direito a férias remuneradas e outras garantias trabalhistas eles têm.

Da mesma forma que lutamos pela realização de concurso público, não podemos fechar os olhos para quem atualmente é responsável por boa parte dos serviços fundamentais para população. A mobilização de monitores para uma maior valorização é, portanto, essencial.

## O PERIGOSO DISCURSO DA MERITOCRACIA

Um discurso que tem crescido muito com essas novas formas de trabalho é o da meritocracia. Algo que, com a roupagem com que a grande mídia a apresenta, parece no primeiro momento algo positivo, mas devemos desvendar mais esse ataque à classe trabalhadora. Mostram-se pessoas que "venceram na vida" por seus méritos e capacidade, valorizando-se aqueles que mais se esforçam, o que acaba encantando muita gente.

Por trás dessa imagem, no entanto, há uma realidade na qual as exigências e cobranças são maiores que o reconhecimento e valorização. Muitos salários dependem do quanto você produz e das metas que atingiu.

Além disso, os recursos são limitados, ou seja, nem todos ganharão a mesma coisa. Isso acirra o clima entre os próprios trabalhadores, que passam a brigar entre eles por poucos recursos e não se unem para combater governos e patrões. As metas muitas vezes são impossíveis de serem

atingidas pela maioria, o que provoca estresses constantes e adoecimento em massa.

Boa parte dos salários, no caso dos funcionários públicos, são dados em forma de gratificação e não são incorporados para os benefícios sociais, como a aposentadoria. Isso sem falar que gratificações podem ser cortadas a qualquer momento. Um grande exemplo disso é o PMAQ, projeto colocado para grande parte da atenção básica da saúde em todo o país. Tal projeto usa vários desses elementos, promovendo uma verdadeira guerra entre as várias categorias do setor saúde.

Em tempos difíceis, não podemos imaginar que algum trabalhador vai negar algum recurso a mais em seu salário, mesmo que de forma precarizada. No entanto, não podemos aceitar a situação e devemos lutar por uma melhor valorização, que pode ser conseguida, por exemplo, com a construção de PCCV.



# Núcleos Pró- Confederação Operária Brasileira



<b>S I N T R O V / P A . / C . O . B . / A . I . T .</b> SINDICATO DOS TRABALHADORES EM OFÍCIOS VÁRIOS.		
<b>FICHA DE FILIAÇÃO EFETIVA</b>	<b>Nº</b>	
<b>NOME :</b>		
<b>ALGUNHA :</b>	<b>DATA DE NASCIMENTO :</b>	
<b>ENDEREÇO :</b>		<b>FONE :</b>
<b>PROFISSÃO :</b>		
<b>SINDICATO :</b>		
<b>SITUAÇÃO TRABALHISTA :</b>		
<b>DATA DE ADMISSÃO :</b>	<b>VALIDADE :</b>	<b>VENCIMENTO :</b>
<b>ASSINATURA DO FILIADO</b>		<b>ASSINATURA DA COMISSÃO FILIADORA</b>